

FEMINISTO, SÓ QUE NÃO

Alex Franco

[Artista gráfico e colaborador do grupo Multiplicadores de Visat]

Falar da objetificação da mulher é fácil quando o vilão da história é uma outra pessoa. Refiro-me ao meu último texto publicado [aqui](#) onde conto uma história bem antiga.

Usei memórias de minha infância para ilustrar o machismo estrutural que nos assola até os dias de hoje. Ao escrever aquele texto, lembrei de uma situação onde eu mesmo fui o autor de um ato machista. Então, por honestidade, resolvi relatar este caso escancarando o quanto os vícios sociais, que nos guiam desde a infância, podem ser nocivos ao nosso desenvolvimento como seres humanos.

Esta história é recente, o que torna a situação ainda mais grave pois, independentemente do esforço que tenho feito para me livrar de ranços machistas, eles insistem e persistem dentro de mim. Em abril de 2021, com a perspectiva do fim ou, pelo menos, afrouxamento das medidas de isolamento da pandemia, e uma vez que as vacinas já eram realidade, me animei em me inscrever num aplicativo de relacionamentos. Mais de um ano literalmente ilhado me impulsionou a buscar vida, buscar gente, buscar conversas, afinidades e, porque não, afetos. Não sei se foi o acaso ou se os tais algoritmos realmente funcionam, mas fato é que encontrei a moça ideal, muita conversa inicial no app, depois no zap, depois as lives, a primeira dose da vacina, até que finalmente marcamos nosso primeiro encontro cara a cara.

A afinidade era imensa, prova disso é que este primeiro encontro foi em uma manifestação “fora Bolsonaro”, no mês de maio. Nos encontramos mascarados no Conjunto Nacional e saímos cantando e dançando na Paulista contra o inominável ser que nos preside. Depois de um segundo encontro para um café, onde a conversa fluía leve e solta e as afinidades cada vez mais se manifestavam, marcamos novamente de ir na segunda manifestação também na Av. Paulista. Moramos em lados opostos da cidade ligados pela linha verde do metrô paulistano. Ela, mais corajosa, enfrentou o transporte coletivo para chegar ao destino, enquanto eu covardemente preferi ir de carro até as proximidades do local. Desta vez, Alberto, companheiro de pelada e de luta política foi comigo.

Encontrando um local para estacionar, descemos do carro e logo fomos abordados por um flanelinha que prontamente recebeu seus trocados da mão do Alberto. Já na manifestação, depois de encontrar com a Renata (este é o nome dela), curtimos juntos o protesto com direito a trio elétrico, palavras de ordem e toda a alegria que caracterizam nossas manifestações. Em dado momento Alberto se encontrou com a Solange, sua esposa que também tinha chegado ao local via metrô. Na hora de ir embora, Alberto e Solange resolveram pegar o metrô enquanto eu me ofereci para levar Renata. Ao nos aproximarmos do meu carro estava eufórico, a manifestação ainda pulsava dentro de mim e se juntara à imensa alegria de estar caminhando de mãos dadas com a Renata.

A situação inflou meu ego a ponto de despertar o machista que eu tanto me esforço em manter desacordado. Destravando as portas do carro vi que o flanelinha se aproximava e, ao me reconhecer, fez um sinal de positivo se posicionando para reter o trânsito e facilitar minha saída. Foi nesse momento que, lembrando que havia chegado ao local com um homem e agora saía com uma mulher, me dirigi a ele com ar de galã de novela das oito e desferi a frase fatal: *- E então amigo, não acha que eu fiz um bom negócio?*

Antes mesmo de terminar de pronunciar a frase, me dei conta do absurdo que acabava de vomitar, mas já era tarde.

Entreí atordoado em meu carro onde Renata já se acomodara e, antes que eu pudesse dizer qualquer coisa e sem perder a compostura, ela me disse calmamente: você me considera um objeto de troca? A situação me incomoda até hoje, obviamente me desculpei e busquei discutir o ocorrido longa e profundamente.

Pra minha sorte, Renata é uma pessoa maravilhosa, altamente esclarecida e muito generosa, por isso este incidente não prejudicou nossa relação. O namoro foi em frente, mas não por muito tempo, o que não nos impediu de nos tornarmos amigos, ou melhor: muito amigos, quer dizer: muito muito muito amigos mesmo (*rssss*).

Continuamos conversando muito sobre todos os assuntos e também saímos de vez em quando para exposições, teatros e chopinhos maravilhosos. Serei eternamente grato a ela por saber se posicionar de forma firme, delimitando seu território como “ser humana” forte, independente e corajosa; endurecendo sim, foi necessário, mas sem abrir mão da ternura. ■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.